

# Pedro Correia Marques e sua importância para o jornalismo opinativo em Portugal

Lúcia Correia Marques de Miranda Moreira e  
Roberto Reis de Oliveira\*

## Índice

1 Introdução	1
2 Um jornalista de opinião	3
3 Considerações finais	9
4 Referências Bibliográficas	10

## Resumo

Este artigo é uma introdução à pesquisa em andamento acerca do jornalista português Pedro Correia Marques e sua atuação no panorama do jornalismo lusitano considerando tratar-se de uma figura relevante para a História do Jornalismo em Portugal. Trata-se de estudo baseado em pesquisa bibliográfica e documental e entrevistas. O texto refere-se, a título panorâmico, à importância de Correia Marques na produção jornalística de opinião,

---

\*Lúcia Correia Marques de Miranda Moreira é Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília, Marília, São Paulo, Brasil [marquesmiranda@uol.com.br]. Roberto Reis de Oliveira é Mestre em Comunicação pela Universidade de Marília; Professor do Departamento de Comunicação Social – Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo da Universidade de Marília, Marília, São Paulo, Brasil [rreisoliveira@uol.com.br].

em que se destaca seu papel de formador de algumas linhas gerais dessa vertente em Portugal.

## 1 Introdução

Este artigo é uma introdução à pesquisa em andamento acerca do jornalista português Pedro Correia Marques e sua atuação no panorama do jornalismo lusitano considerando tratar-se de uma figura relevante para a História do Jornalismo em Portugal.

Pedro Correia Marques nasceu em São Pedro de Rates, vila pertencente ao Concelho da Póvoa de Varzim (terra de Eça de Queirós), a 26 de abril de 1890. Fez seus estudos primários (o equivalente à 3ª série do ensino fundamental) na escola Luís de Camões como bolsista do Asilo Santa Rita, criado por donatários que moravam no Brasil (essa bolsa fora criada para dar assistência a duas crianças órfãs e carentes). Pedro Correia Marques era órfão de pai e sua mãe, que casara outra vez, tinha dificuldades para criá-lo devido ao temperamento difícil do marido e ao fato deste já ter quatro filhas do casamento anterior. Assim, Correia Marques estudava na referida escola e morava no asilo. Ao terminar a 3ª série, foi freqüentar a es-

cola claustral do Mosteiro de Singeverga da Ordem dos Beneditinos, de onde lhe veio formação sólida e latinista que marcaria o seu estilo jornalístico de maneira muito peculiar. Correia Marques ficou em Singeverga até aos 18 anos, no momento em que era preciso optar se faria não os votos definitivos para a Ordem Beneditina. Decidiu então sair do mosteiro e apresentar-se no quartel de Guimarães (Paço dos Duques de Bragança) para cumprir o serviço militar. Ao completar o tempo da recruta foi destacado para o quartel da Ajuda em Lisboa. Com a saída do exército, Correia Marques, ainda em Lisboa, começa sua trajetória no jornalismo:

Em fins de 1909, por circunstâncias também sem interesse para o comum das gentes, achei-me no mundo, só como o espargo no monte, avulso, sem família e quási sem amigos – ante o gravíssimo problema de arranjar a vida como pudesse – honradamente e cristãmente, claro está. Tinha eu 19 anos, muitas ilusões e algumas esperanças.

Foi esta a minha primeira reportagem: achar a vida, *furar* no Mundo, que não me conhecia e que eu não conhecia. Creiam que esta reportagem é às vezes mais dura e cheia de ansiedades e dificuldades. Compreendi então a verdade daquela palavra de Eclesiastes, que lera e meditara no cenóbio singevergano: *Vae soli, quia cum ceciderit non habet sublevantem se*: Ai do homem só, porque, se cair, não achará quem o levante (CORREIA MARQUES, 1945, p. 4)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>“Curso de Jornalismo” é uma série de artigos escritos por Pedro Correia Correia Marques, publicados entre os anos de 1941-1943, no semanário *Ação*, dirigido por Manuel Múrias em Lisboa.)

- Cinco mil réis por mês... é o que se dá aos praticantes de escritório. Já vê que não lhe serve...

- Aceito – respondi imediatamente. E ante o pasmo do sacerdote: - Bem vê: estou desempregado.

Nesse caso... Publicamos aqui uma revista mensal...

- “O Rosário” – interrompi eu para causar boa impressão, mostrando-me familiarizado com a revista.

- Conhece-a? – perguntou o P. O’Sullivan, sorrindo. – Ora, o que eu desejo é um empregado que faça os pequenos recados da revista, que trate da sua expedição pelo correio, que varra a saleta da redação...

Está bem. Farei isso tudo – interrompi. – Não me importo de trabalhar.

(...)

E aí estava eu com um pé na imprensa periódica – para varrer a sala da redação duma revista. Da minha ascensão nesta carreira jornalística darei conta em crônica subsequente (CORREIA MARQUES, 1941, p. 2).

Iniciou sua carreira de jornalista quase ao acaso, já que, como muitos jovens depois do serviço militar, e advindo de uma família humilde, partiu em busca de emprego para garantir sua sobrevivência. Dessa maneira, começou a trabalhar na revista católica *O Rosário* – de 1913 a 1919 – como redator. Em 1915, torna-se redator também do jornal *A Restauração*. E, em 1919, consolida-se a sua presença no panorama jornalístico português ao entrar para a redação do jornal *A Época* – periódico conceituado – logo sendo nomeado redator principal. Com o término da edição de *A Época*, Correia Marques assume a

direção e o posto de redator principal do jornal *A Voz*, até a sua extinção.

Sua presença constante e numerosa em veículos da imprensa, marcada por sobriedade da opinião, seriedade e estilo peculiar, fez de Correia Marques um verdadeiro “homem da imprensa”. Sua atuação jornalística estendeu-se também pela imprensa internacional como correspondente de jornais espanhóis, sempre destacando-se pela sua participação com artigos de política internacional. Além disso, sua colaboração foi sempre solicitada em diversos jornais das províncias portuguesas de norte a sul daquele país. É notória ainda sua atuação como repórter internacional, visitando Espanha, Alemanha, Áustria, Itália, Grã-Bretanha, Polônia e Estados Unidos.

A sua respeitabilidade profissional também pode ser comprovada pelo reconhecimento da sociedade portuguesa manifestado através das diversas condecorações que recebeu ao longo de sua vida (Grande Oficialato da Ordem do Infante, Oficialato da Ordem de Cristo, para citar alguns exemplos) e convites para integrar instituições representativas do panorama social (foi Vice-Presidente do Conselho Orientador Português de Estudos Europeus, em Lisboa; “Sócio de Honra”, da Delegação em Portugal, da Sociedade Cervantina de Madrid).

O que pretendemos abordar neste artigo, a título panorâmico, refere-se à importância de Pedro Correia Marques na produção jornalística de opinião, em que se destaca seu papel de formador de algumas linhas gerais dessa vertente em Portugal.

Foram examinados documentos dos arquivos da família de Correia Marques no Brasil, e em Portugal, em janeiro de 2004, quando foram feitas entrevistas com familia-

res e também visitada a Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa onde se encontram arquivados os exemplares dos jornais citados neste texto.

## 2 Um jornalista de opinião

Numa época em que o jornalismo se caracterizava pela manifestação de idéias de pessoas engajadas em uma causa, não havia curso superior de jornalismo. Porém a imprensa já se afigurava como canal privilegiado de difusão coletiva e veículo para conteúdo informativo e formador. Marques de Melo, referindo-se à trajetória histórica da atividade jornalística destaca-a como

(...) atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista. Nesses primeiros momentos de sua afirmação, o jornalismo caracteriza-se pela expressão de *opiniões*. Na medida em que a liberdade de imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamento ou os distintos grupos sociais se confrontavam através das páginas dos jornais que editavam (2003, p. 23).

É bem verdade que o espírito da informação era outro. No princípio do século XX, o jornalismo era o que o filósofo alemão, Jürgen Habermas, chamava de “literário”. Embora a imprensa já apresentasse uma face mais dinâmica e abrangente do que aquela que se podia reconhecer no século anterior, ainda tínhamos uma imprensa marcadamente conduzida por um projeto ideológico muito mais do que por fins lucrativos. O crescimento do capitalismo era evidente, trazendo melhorias consideráveis para o custo

que envolvia a produção do jornal e a sua distribuição a um número de leitores cada vez maior. Como afirma Jorge Rebelo, “Empenhados numa lógica de expansão constante, factor indispensável à captação de publicidade, logo, ao sucesso da empresa, os grandes jornais vocacionam-se para atingir todo o tipo de destinatários, sem distinção de classes ou de opções políticas” (2002, p. 15).

Por outro lado, a par da evolução da chamada “imprensa de informação”, que parecia ter vindo para substituir e suplantat a “imprensa de opinião”, alguns jornais mantiveram um certo carácter fiel ao espírito ideológico de informar formando. Ou seja, mantinha-se a função do jornalista “intelectual orgânico”, segundo o autor, cuja missão se caracterizava também pelo interpretar, condensar, explicitar e defender os anseios do grupo com o qual se identificava. Equilibrando o carácter informativo – em que o fato é o gerador da informação – e o carácter opinativo – que entende que a realidade social não é uma superfície lisa e o jornalista não é, portanto, um sujeito distante e exterior – é que o jornal *A Voz*, de Pedro Correia Marques, atuava na cena portuguesa como o único jornal monárquico daquele país de 1943 a meados de 1969.

O jornal *A Voz* sucedeu *A Época*<sup>2</sup>, em 1927 e, como este, foi dirigido pelo Conselheiro Fernando de Sousa até sua morte (12/03/1942). A 28/11/1947, Pedro Correia Marques, redator principal de *A Voz*, é então nomeado seu diretor. Permaneceu neste jornal como verdadeiro mentor de um ideal

<sup>2</sup>Quando este jornal voltou a publicar-se, Correia Marques foi seu colaborador com uma coluna intitulada “Das Idéias e dos Factos”, criada pelo jornalista ainda em *A Voz*, em que fazia comentários de política internacional.

– católico e monárquico – até sua extinção, fundindo-se juntamente com o *Diário da Manhã* na nova aparição do jornal *Época*.

A opinião no jornalismo pode manifestar-se sob vários formatos de texto veiculados por uma instituição jornalística: desde artigos assinados ou não, editorial, comentário, crônica, enfim. Se nos aprofundássemos nesta questão, inevitavelmente iríamos tocar em outros aspectos referentes às sutilezas da redação jornalística e sua estandarizada, contraditória e discutível imparcialidade/objetividade. No entanto, não é este exatamente o mérito da nossa discussão, embora estas questões toquem *en passant* as nossas reflexões posteriores.

O que nos interessa aqui é analisar uma pequena parte da atuação jornalística de Pedro Correia Marques à frente de um jornal cuja direção ideológica já exigia postura, no mínimo, definida, clara e lúcida. Manter um jornal assumidamente católico e monárquico numa época em que a reformulação técnica do conteúdo dos jornais, provocada pela industrialização em franco crescimento, era uma batalha diária pela sobrevivência da instituição e das convicções que abrigava. Não podemos também deixar de considerar que, sendo *A Voz* um jornal de cunho monárquico em um país conduzido pelo regime republicano, a opinião ali refletida era caracterizada por aspectos que cada vez mais se distanciavam da maioria das práticas jornalísticas de outras instituições: a opinião de seus proprietários nominais, compartilhada e assumida pelo editor chefe (também redator principal) e sua equipe.

No entanto, uma postura tão contundente quanto esta pode nos levar a questionar a seriedade e qualidade do veículo de comunicação, naquilo que se refere ao compromisso

que um órgão desta natureza deve ter para com a lisura das informações que transmite.

Mais adiante, ao longo das nossas considerações, refletiremos, ainda que brevemente, sobre um texto opinativo retirado do jornal *A Voz*, de Pedro Correia Marques, em que se reconhece o artigo nos moldes com que Martín Vivaldi define esse gênero jornalístico: “Escrito, de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma idéia atuais, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista” (Apud MARQUES DE MELO, 1994, p. 117).

A estas considerações Marques de Melo acrescenta os seguintes esclarecimentos:

Nesse conceito de Vivaldi, dois elementos são específicos ao artigo jornalístico: 1) *Atualidade* – O articulista tem liberdade de conteúdo e forma, mas ele deve tratar de fato ou idéia da atualidade, coadunando-se com o espírito do jornal. É claro que o sentido da atualidade não se restringe ao cotidiano, mas ao momento histórico vivido. (...) o artigo é normalmente feito por colaboradores que apreendem as dimensões menos efêmeras dos acontecimentos. 2) *Opinião* – (...) vincula-se à assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber como o articulista (...) pensa e reage diante da cena atual (1994, p118-9).

É desta maneira que se apresentam os artigos de Correia Marques na coluna “Das ideias e dos factos”, criada por ele em *A Voz*, e que leva consigo para o jornal *Época*, onde atua como colaborador depois do encerramento de *A Voz*. Nesses artigos, Correia Marques demonstra sua veia de articulista ciente da atualidade e comprometido

com seu público leitor sempre à espera das suas considerações a respeito dos acontecimentos, sobretudo em relação à política internacional<sup>3</sup>.

Pedro Correia Marques exercia a sua profissão de jornalista com uma vitalidade que se reconhecia na sua produção ímpar (editoriais, artigos, crônicas de política nacional e internacional, crítica literária) também distribuída pelas suas colaborações em jornais diários e semanários portugueses (metrópole e ultramar), espanhóis e brasileiros<sup>4</sup>.

Mas, o que pretendemos destacar aqui é a figura do jornalista formador de opinião – e sua capacidade de apreender o sentido dos fatos e, a partir dele, manifestar sua valoração com equilíbrio e sobriedade -, definindo o perfil do jornal ao qual dedica sua verdade profissional, suas convicções, de tal forma que falar do jornalista é falar inevitavelmente do jornal e vice-versa, como o asseveram os seguintes depoimentos:

É que um jornalista como o era, como sempre o foi Pedro Correia Marques, é, com efeito, inseparável do seu jornal. E por isso, no dia em que “A VOZ” deixou de publicar-se, Pedro Correia Marques, na realidade, começou a morrer, ainda que lentamente. (Dutra Faria. “Tribuna Livre – Pedro Correia Marques”, *Época*, 13/08/1972)

De redactor inicialmente de “A VOZ”, infelizmente, suspensa há cerca de três

<sup>3</sup>A relevância da opinião de Correia Marques para a cena política portuguesa pode ser confirmada através da análise das correspondências de figuras célebres ao jornalista em acervo da família.

<sup>4</sup>Temos conhecimento de pelo menos quinze títulos de jornais em que Correia Marques colaborava. Além disso, sua produção também se faz representar em diversas conferências.

anos, Correia Marques ascendeu às funções de director, exercidas durante largos anos. E podia dizer-se que o jornal, com período brilhante no jornalismo nacional de opinião, era uma emanção da sua personalidade e de seus dotes profissionais. (Lopo de Sá. “Pedro Correia Marques – uma grande figura do jornalismo”, *Diário de Luanda*, 11/09/1972)<sup>5</sup>.

O que podemos depreender desta pequena mostra é que a figura do jornalista Pedro Correia Marques, aos 82 anos, mesmo atuando apenas como colaborador, já que o seu jornal não se publicava mais, deixara a sua marca de formador de opinião que, apesar de movida por um ideário que não era o da maioria, merecia a consideração e o respeito da classe jornalística.

Assim como o jornalista, o jornal *A Voz* permaneceu na cena portuguesa como um veículo de comunicação que se mantinha fiel à angulação de suas opiniões. O equilíbrio e não o fanatismo ideológico sustentou um número de assinaturas tão significativo que, enquanto esteve na ativa, foi o jornal de maior assinatura em Portugal. No entanto, caracterizando-se pela postura ideológica, definia-se acima de tudo como um jornal cuja maior convicção era estar a serviço do próprio jornalismo enquanto processo social. Poder-se-ia observar em *A Voz* os três aspectos que possibilitam o processo jornalístico<sup>6</sup>: os acontecimentos significativos, portanto dignos de serem registrados

<sup>5</sup>Notícias publicadas quando da morte de Correia Marques.

<sup>6</sup>Cf. As considerações a respeito do processo jornalístico aqui mencionadas estão de acordo com José Marques de Melo in *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

pela imprensa (e não importava a facção política), conduzindo inevitavelmente ao relato (expressão jornalística) para posterior leitura (apreensão pela coletividade).

*A Voz* apresentava na primeira página o espaço para as principais notícias revestidas de caráter informativo – cujo relato era estruturado a partir de um referencial exterior à instituição jornalística –, envolvendo geralmente questões relevantes da política nacional e internacional. Na primeira página também, havia o espaço para o editorial que, muitas vezes era marcado pela coluna de opinião criada e assumida por Correia Marques, intitulada “Das idéias e dos factos” – em que a estrutura da mensagem era determinada pelo caráter autoral e com um foco temporal ou espacial próprios e determinantes do sentido dado à opinião – em que discutia e comentava atualidades da política internacional. Internamente, o jornal apresentava anúncios, informações de interesse do público como pequenas notas, programação de teatro, TV, cinema. Também, uma vez por semana, publicava-se uma página feminina – “Semana Feminina” – e um suplemento infantil – “O Tio Tiroliro”, cuja direção era assinada pelo próprio Correia Marques com o pseudônimo que era o título do suplemento. Havia também uma vez por semana um suplemento literário, “Bazar das Letras, das Ciências e das Artes”, com direção de Pedro Correia Marques, em que se apresentavam, entre outros assuntos, poetas novos; falava-se de lançamentos de livros e Correia Marques escrevia, vez por outra, artigos de crítica literária. Na segunda página, o jornal trazia uma coluna cujo título era “A vida católica” e, naturalmente, tinha-se aqui notícias e informações que não apareciam em outros jornais, pelo menos não com o mesmo

espaço. Como Portugal sempre foi um país de tradição católica, é natural que o jornal tivesse muitos leitores dessa coluna. No entanto, convém ressaltar que não se tratava de espaço contaminado – ou uma tribuna católica –, mas, antes de tudo informativo, isto é, a proposta era manter a população católica a par dos acontecimentos que envolviam a vida portuguesa nesse sentido. Na última página, geralmente assuntos de igual relevância aos apresentados na primeira página, em que se destaca a coluna “Últimas Notícias”.

Para se tratar do equilíbrio daquele jornal no que se refere à informação veiculada e à opinião emitida, citamos um exemplo que envolve a coluna “Das idéias e dos factos” de autoria de Pedro Correia Marques e um acontecimento internacional, alvo de notícia no mesmo jornal. A abordagem dada ao acontecimento pelo texto informativo, a notícia, e o olhar do comentarista são de naturezas diferentes, mas qualquer um dos enfoques mostra o que se pode chamar de equilíbrio ideológico quanto à organização das mensagens. Ora, esta postura era uma tônica daquela instituição jornalística que se reconhece inclusive no espaço dedicado cada tipo de texto.

Como a abordagem das referidas matérias na íntegra prolongaria demasiadamente este texto, passaremos a uma descrição, sobretudo, do espaço que eles ocupam, com referências ao conteúdo. As matérias foram publicadas na edição do jornal *A Voz* de 8 de junho de 1962, Ano XXXVI, nº 12590. São elas a coluna “Das ideias e do factos”, na primeira página, com o título “Recomeçando” e as notícias acerca do mesmo assunto, uma, na primeira página, intitulada “Explosões potentes abalam o centro de Argel e provocam incêndios na universidade”

e, - na última página -, na coluna “Últimas Notícias”, a notícia intitulada “O presidente De Gaulle falará hoje pela Rádio e pela TV sobre o futuro da Argélia”.

Chama-nos a atenção o espaço ocupado pelo tema – a situação da Argélia frente à sua independência tão próxima – com textos de caráter informativo, as notícias. Temos, neste caso, os textos publicados em duas páginas importantes do jornal: a primeira e a última. Sendo assim, considerando apenas a questão do espaço destinado pela instituição jornalística à divulgação do fato, podemos afirmar sem receio que a informação, mesmo num jornal comprometido com uma opinião ideológica bem definida, é vista com seriedade, demonstrando o compromisso com uma das mais importantes missões do jornalismo: mediar a apreensão da realidade por parte do público. Embora as considerações de Correia Marques, no texto da coluna “Das ideias e dos factos”, seja de uma lucidez e interesse incontestáveis acerca da posição da França, representada pelo general De Gaulle, e da Argélia numa situação frágil de independência batendo à porta, trata-se de um texto cuja leitura demanda uma atenção diferente daquela de quem quer saber somente dos fatos e menos das idéias. E ainda refletindo acerca do espaço, a coluna do comentarista inicia na primeira página e segue na 5ª página. A pergunta que fica é: mesmo numa época em que se lia muito mais e, provavelmente, com muito mais interesse, que tipo de texto seria lido imediatamente? A notícia ou o comentário?

Nossa reflexão conduz-se então para o entendimento do que vem a ser afinal ter e defender uma opinião através de um veículo de comunicação social. O que nos remete de imediato para um depoimento de Pedro Cor-

reia Marques ao ser entrevistado para a revista *Mundo Gráfico* – para a coluna “Gosta da sua profissão?”

Gosto de jornalismo, (...) – uma profissão cheia de imprevisto, de ginástica mental, e, sobretudo, porque nele encontrei uma forma nobre e eficiente de servir as minhas ideias. Eu sou um homem para quem não há posições neutras nem indiferentes. Sou um homem de opinião. O jornalismo permite-me servi-la. Por isso gosto da minha profissão (1941, p. 18).

Ora, retomando as matérias publicadas no jornal *A Voz*, não passa despercebido que, tratando-se de um jornal monárquico num país republicano, a maturidade da política editorial – que define, inclusive, a distribuição das informações no jornal – fica muito evidente: afinal, as notícias acerca do conflito entre a França e Argélia com relação ao processo de independência desta são apresentadas com a objetividade que se pode esperar de um veículo de informação, mencionando os últimos acontecimentos envolvendo ações terroristas; por outro lado, a coluna de caráter opinativo faz uma análise da mesma situação em que o editor/autor assume uma postura categórica (não agressiva) através de um texto que obriga a pensar sobre as causas e conseqüências dos acontecimentos em questão. Vejamos alguns trechos do texto de Correia Marques ao analisar os atos de terrorismo executados na Argélia pela O.A.S.. Colocaremos o trecho noticioso e em seguida a análise da informação feita pelo comentarista:

Lê-se na primeira página:

ARGEL, 7 – A Organização do Exército Secreto pôs termo a uma semana de tréguas

com três poderosas explosões que abalaram o centro de Argel e incendiaram a Universidade.

(...)

Centenas de europeus que assistiam ao incêndio davam aplausos quando fragmentos do edifício, enegrecidos pelo fogo, caíam sobre os jardins tropicais que rodeiam a Faculdade.

(...)

A O. A. S., segundo os panfletos e as emissões piratas, propõe incendiar e minar tudo que possa ser útil à Argélia no futuro. A menos que os nacionalistas muçulmanos a aceitem para negociar em nome da Comunidade Européia e chegar a um acordo sobre os futuros direitos e o Estatuto dos Europeus.

Em sua coluna “Das ideias e dos factos”, na última página, Correia Marques asseverava:

Para mostrar ao Exército Secreto que o Governo está disposto a levar a sua política aos últimos extremos, foram ontem de madrugada fuzilados dois condenados à morte pelo assassinio do comissário de polícia Gavoury, há um ano menos alguns dias abatido em Argel. A larga informação dada aos jornais sobre os pormenores do fuzilamento mostra que De Gaulle quis dar ao Exército Secreto um exemplo de severidade e energia.

(...)

Entretanto, a O. A. S. diz que vai praticar em grande a política da “terra queimada”, destruindo quanto os franceses fizeram na Argélia e que poderia ser útil à próxima futura República Argelina. Se o atentado contra vidas, colhidas ao acaso no âmbito do terrorismo, é revoltante, esta destruição de quanto os europeus fizeram, convertendo um valhacouto de piratas em maravilhosos e moderníssimo país, já se compreende

sem grande repulsa. Mas tudo isto cria um ambiente de hostilidade tamanha que a convivência de europeus e muçulmanos se torna por muito tempo impossível.

O drama da Argélia é um grande drama para a França e um grande drama para o Mundo.

As mensagens são organizadas e distribuídas no espaço do jornal de maneira sutilmente didática, de modo que o leitor se informe primeiro (lendo os textos noticiosos) e depois leia a reflexão do comentarista que o levará inevitavelmente ao exercício da análise da situação política. Esta reflexão conduz-nos a algumas considerações extremamente pertinentes de Jorge Pedro Sousa, em seu livro *Teorias de notícia e do jornalismo*, quando se refere às cinco forças geradoras de notícias: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural e ação tecnológica. Segundo o autor, todas são modeladas por uma sexta força, a história. Sousa amplia a sua posição acrescentando que as notícias são produtos resultantes do sistema social, cultural, físico, tecnológico e ideológico – logo, são um artefato histórico, resultado também de uma mentalidade (2002).

### 3 Considerações finais

Nos textos que recortamos do jornal *A Voz* para estudo, podemos verificar a interação das ações ou forças colocadas por Sousa: na notícia, destacamos a ação social da informação e ação tecnológica; no artigo, destacamos a ação ideológica e cultural do articulista ao analisar e interpretar o fato. Nos dois textos temos então a ação histórica, registrando o fato para a posteridade através da notícia e delineando a mentalidade de uma época em que interagem os aspectos cultu-

rais e ideológicos da instituição jornalística através das considerações do articulista. Para além do comentário dos fatos, nota-se a preocupação em investigar a significação do fato que comenta. Negociar os sentidos fá-lo promover a contextualização que é prática jornalística por excelência.

Desta maneira, cumpre-se assim uma função importantíssima da imprensa consciente, seu papel social e, porque não dizer, histórico: a representação da realidade num discurso organizado, oferecendo um quadro explicativo do mundo (SOUSA, 2002, p. 13-18). A legitimação deste papel social se afigura na dinâmica de apreensões realizada pelo próprio jornal, mas que se confirma nas enunciações por ele apresentadas, ou seja, nas opiniões por ele veiculadas. Se a enunciação é de natureza social (BAKHTIN, 1995, p. 109), eis aí o pacto entre o articulista e o público.

Desta maneira vê-se em Correia Marques um jornalismo exercido com a verdadeira consciência de quem entende o processo como um mediador entre os acontecimentos impossíveis de apreender individualmente e o público. Mais que isto, o estabelecimento de um *continuum* entre os fatos e a determinação de seu sentido, este expresso no diálogo com as demandas sociais, políticas e culturais.

A compreensão de sua postura analítica contribui para uma visão de que o jornalismo não deve se revestir da tarefa de mantenedor de uma verdade impoluta. Antes, deve selar sua aliança com os interlocutores do processo jornalístico. Esta aproximação está na utilização coerente do espaço opinativo: além de valorar, deve inspirar racionalidade, reflexão e equilíbrio. Neste sentido, é que justificamos a superioridade do jorna-

lismo de que falávamos no início deste texto. Trata-se de primar por um compromisso primeiramente para consigo mesmo e depois estendê-lo à sociedade de que faz farte de maneira clara nos espaços opinativos, sem os subterfúgios de linguagem que permitem a diluição do julgamento por todos os textos do jornalismo atual. Se no século XX vimos importantes transformações no fazer jornalístico, presenciamos também – característica que se estende para o século atual – um misto de batalha política entre meios de comunicação, poderes e arranjos produtivos para sobrevivência comercial. Privilegiamos a figura de Pedro Correia Marques como referência para uma reflexão a respeito do processo jornalístico e, particularmente, a propriedade e a coerência na análise dos fatos e a emissão da opinião.

#### 4 Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofias da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CORREIA MARQUES, Pedro. A primeira reportagem. In: Curso de Jornalismo. *Acção*, 08/05/1945, nº 3.
- CORREIA MARQUES, Pedro. Como se começa uma carreira por varrer a casa. Curso de Jornalismo. *Acção*, 26/04/1941, nº 10.
- MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. rev. e ampl.. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MUNDO GRÁFICO. “Gosta da sua profissão?”, 15/04/1941.
- REBELO, Jorge. *O Discurso do Jornal*. 2 ed. Lisboa: Notícias Editorial, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.